

O início de tudo

Em meados de 1978, grupos de artesãos de várias partes do Brasil e do mundo chegaram a Pirenópolis com o intuito de montar comunidades alternativas, acabaram criando a Cooperativa Agroartesanal Terra Nostra e se firmando na cidade. Desde então, começaram a desenvolver a joalheria em prata e a ensinar aos jovens nativos da cidade o labor do artesanato de joias. Em Anápolis, a 50km de Pirenópolis, havia um Centro de Gemologia, o que ajudou a dar uma base de conhecimento em pedras e metais aos artesãos que foram surgindo no município.

O paulistano **Carlos Ronald Henrique**, 65 anos, mais conhecido como Tatu, foi um dos artistas pioneiros que fixaram residência em Pirenópolis nos anos 1980. Ele não se define como hippie e, sim, como “maluco de estrada”. Ao chegar à cidade, montou um ateliê e vive por lá até hoje. A clientela de Tatu fica, essencialmente, no Rio de Janeiro e em São Paulo. “Sempre mexi com artesanato; é a minha paixão”, diz.

“A produção de peças em prata veio para somar com aquilo que Pirenópolis já tinha de melhor: belezas naturais, gastronomia, saberes e fazeres dos nossos antepassados”, afirma o prefeito do município, Nivaldo Melo. “Valorizamos muito a indústria da prata aqui porque, para mim, não há programa social maior do que a geração de empregos. Isso dá cidadania, dá dignidade para as pessoas. Buscar o próprio sustento”, completa o prefeito.

“A produção de joias em Pirenópolis incentiva o fluxo turístico e movimenta a economia”, diz a secretária de Turismo da cidade, Vanessa Leal. “Quanto mais local, maior o valor global. Nossos artesãos são, literalmente, as pratas da casa”, conclui a gestora.

Tradição consolidada

Hoje, há 112 artesãos que produzem joias em prata em Pirenópolis. A atividade é responsável pela geração de empregos, além de fomentar o turismo e a economia local. Há aqueles que têm a joalheria como segunda fonte de renda, há os profissionais que tornaram o artesanato em prata sua principal e única fonte de receita e tem aqueles que tornaram-se empreendedores e hoje geram empregos.

Maria Delma de Melo, 53, é um exemplo de artesã que virou empresária e hoje, além de gerar empregos, trabalha estimulando jovens a desenvolverem a profissão. Ela começou a trabalhar com joias em prata há 36 anos, lapidando pedras até



ganhar uma bolsa no Centro de Gemologia de Anápolis para cursar joalheria. “Montei meu ateliê há 29 anos. Tudo o que eu tenho hoje — casa, carro, lote, minha loja, meu café —, eu tirei do meu trabalho com joalheria”, conta ela, orgulhosa.

“Não há como dissociar a joalheria do destino turístico. Os turistas querem conhecer a história dos artistas. Temos vários ateliês de joias que também são cafés e restaurantes”, diz o gestor de Indicação Geográfica do Sebrae Goiás, João Luiz Prestes Rabelo.

Luiz Triers, 35, trabalha com ourivesaria há oito anos, desde 2014, e é um dos jovens artesãos que adquiriu conhecimento em joalheria bebendo na fonte dos veteranos, como Maria Delma. Luiz sente-se honrado em poder desenvolver joias e se juntar ao grupo de artistas de Pirenópolis. “O que mais me atrai na joalheria é o resgate antropológico. O ser humano evolui a partir da idade do metal. Ter a oportunidade de moldar o metal e transformá-lo em joias é uma função muito nobre”, conta Luiz.